



Reconciliação como “superação de inimizade pela amizade”: desenvolvimento e desdobramentos brasileiros de uma ênfase soteriológica metodista

Reconciliation as “overcoming enmity by friendship”: Brazilian development and unfolding of a Methodist soteriological emphasis

Helmut Renders*

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, SP, Brasil

Resumo

O artigo apresenta três fases do desdobramento da teologia da reconciliação na Igreja Metodista, entendida como superação da inimizade humana pela amizade divina. Primeiro, explora-se textos de John Wesley do século 18, depois textos da Igreja Metodista no Brasil do fim do século 19 e por último do século 20. Evidencia-se a centralidade da teologia da reconciliação como superação da inimizade humana pela amizade divina em momentos centrais da história do metodismo brasileiro e sugere-se como horizonte do seu futuro desdobramento a integração maior dos conceitos da

* HR: Doutor em Ciências da Religião, e-mail: helmut.renders@metodista.br; helmut.renders@gmail.com

hospitalidade como *filoxenia* e da convivência como abertura para o mundo em busca da superação de inimizades.

Palavras-chave: Soteriologia. Expição. Reconciliação. Inimizade. Amizade.

Abstract

The article presents three phases of the unfolding of the theology of reconciliation in the Methodist Church, understood as an overcoming of human enmity by divine friendship. First are explored texts of John Wesley of the 18th century, later texts of the Methodist Church in Brazil from the end of the 19th century and, finally, texts of the 20th century. Evidence is given for the centrality of the theology of reconciliation as an overcoming of human enmity by divine friendship in important moments of the history of Brazilian Methodism and as an horizon for its future unfolding it is suggested to integrate better the concepts of hospitality as philoxenia and coexistence as an openness to the world with the objective to overcome enmity.

Keywords: Soteriology. Atonement. Reconciliation. Enmity. Friendship.

Introdução

As celebrações ao redor dos 500 anos da Reforma terão na Alemanha um tom profundamente ecumênico. Isso se reflete em diversas atividades, inclusive a definição do tema da *Semana Ecumênica de Oração* de 2017: *Reconciliação: o amor de Cristo nos impulsiona*. Sem dúvida nenhuma, é o tema da reconciliação um assunto central de uma “Igreja sempre Reformando” e a história da Igreja Cristã na América Latina no século 20 é um bom exemplo para isso. Sendo a Soteriologia uma, senão a área da teologia latino-americana mais significativa, propomos abordar este tema em uma perspectiva metodista.

Ao longo dos séculos, diversas dimensões do tema da reconciliação, todas com pontos de partida mencionados nos textos bíblicos, ganharam destaques: a dimensão da relação entre o ser humano e Deus (2Co 5,14-21) e entre Deus mediante Cristo e o ser humano (Rm 5,10; Ef 2,5¹), a dimensão das relações inter-humanas eclesíásticas (Ef 2,11-18²), a dimensão da relação da igreja com a esfera pública e o desenvolvimento da sociedade considerando classes sociais, gênero, idade e etnia (Ef 4,20³) ou aqueles/as considerados/as inimigos⁴. Também na tradição metodista, alinham-se a essas dimensões acentos distintos de teologias da expiação, ou seja, da interpretação da morte de Jesus de Nazaré na cruz como morte salvífica, respectivos textos confessionais ou denominacionais e práticas pastorais distintas.

Propomos em seguida desenvolver o tema em três passos. Em cada caso, partimos de um documento eclesíástico essencial, apresentamos trechos com importantes discussões a respeito ou de temas ao seu redor e relacionamos tudo com metáforas metodistas que incluam os conceitos da amizade e da inimizade. Primeiro, em *O século 18 e a constituição da reconciliação [...]*, partimos do artigo da religião referente à cristologia e soteriologia e mostramos como o tema da reconciliação como superação da inimizade aparece em Wesley com força nas práticas, mas timidamente, na teologia metodista da cruz. O resultado disso, acompanhamos em *Os séculos 19 e 20 ou o anúncio da reconciliação [...]*. Depois da primeira fase de diferenciação no século 18 com suas ambiguidades, o metodismo anglo-saxão optou para uma teologia da expiação moderna, aparentemente

¹ 1 João 2,2 e 4,10, focando no meio do perdão como caminho da salvação.

² Efésio 2,15 e 4,20: o novo ser humano como resultado e propósito da cruz (Ef. 2,15) e tarefa “a ser vestido” do ser humano (Ef 4,20).

³ Importante são também as representações da comunidade como reconciliada como em Gálatas 3.28, 1 Coríntios 12.13, Colossenses 3.11 e – surpreendentemente na boca de Pedro – em Atos 2,17.

⁴ Aqui devemos mencionar os textos que radicalizam o mandamento do amor ao próximo para o amor pelo inimigo (Fonte “Q”: Mt 5,38-38; Lc 6,27-36) ou que sua vez corresponde ao Deus que ama o inimigo (Rm 5,5,8,10) e a ética da superação do mal pelo bem (Rm 12,21). Nessa linha orientam também Mateus 5.38-42 e Lucas 6.29-31 que indicam um caminho além das alternativas da fuga ou do uso da violência, uma resistência não violenta (Cf. WINK, 1988 e 2003; sobre Wink veja RENDERS, 2013, p. 266-271). Além disso, devemos ainda mencionar toda a tradição da hospitalidade, originalmente concebida como *filoxenia*, um amor fraternal (*philos*) que integra o *xenos*, o estrangeiro e inimigo em potencial. De certo modo é a *filoxenia* a resposta do amor em um mundo xenofóbico.

Ritschliana⁵, entretanto, de fato Mileyana⁶, o que transparece de forma singular nos artigos da religião em uso no Brasil. Finalmente, em *Os séculos 20 e 21 ou a vivência da reconciliação*, mostramos uma adaptação da teologia da reconciliação à presença pública da igreja metodista.

O século 18 e a constituição da reconciliação: o amor de Deus em Cristo e o amor pelo inimigo em John Wesley e a superação da inimizade por amizade

O documento: *O tema da reconciliação no 2º Artigo dos 25 Artigos Religião Metodistas em sua versão clássica e comum*

Depois de ter expressado no 1º Artigo da Religião Metodista a crença na Trindade, o 2º Artigo, refere-se à cristologia em sua dimensão soteriológica. Aqui, o que especialmente nos interessa é a forma como o sujeito e objeto da reconciliação são determinados.

Do Verbo ou Filho de Deus que se fez verdadeiro homem

O Filho, que é o Verbo do Pai, verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai, tomou a natureza humana no ventre da bendita virgem, de maneira que duas naturezas inteiras e perfeitas, a saber, a divindade e a humanidade, se uniram em uma só pessoa para jamais se separar, a qual pessoa é Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, que realmente sofreu, foi crucificado, morto e sepultado, para reconciliar o Pai conosco e para ser um sacrifício não somente pelo pecado original, mas também pelos pecados atuais dos homens.

O inglês “*to reconcile his Father to us*” resulta em duas traduções, ou: “para reconciliar seu Pai conosco”, ou “para reconciliar conosco seu Pai” (Cânones da Igreja Metodista Episcopal, Sul, tradução portuguesa, de 1886). A ideia que Deus é reconciliado — e não a humanidade com Deus — representa a teoria da satisfação (da ira de Deus) de Anselmo como teoria preferencial entre as diversas teorias da expiação.

⁵ Albrecht Ritschl (1822-1889), autor de uma das obras protestantes mais famosas do século 19 sobre a reconciliação (RITSCHL, 1870-1874) resultado de uma longa pesquisa (RITSCHL, 1859).

⁶ John Miley (1813-1895).

A discussão: O tema da reconciliação em Wesley segundo os teólogos metodistas contemporâneos

Em nenhum outro lugar do que a morte de Jesus na cruz se expressa de forma tão radical, universal, desinteressada e comprometida à atitude do Deus Pai, mediante do Filho e através do Espírito, em relação ao cosmo. Na cruz, em Cristo, Deus desafia qualquer inimizade humana que exclua, classifique e desclassifique inclusive por uma meritocracia que transforma a vida em sacrifícios sem fim. Na cruz, em Cristo, Deus revela sua mente divina aberta, seu coração divino aberto, seus braços divinos abertos (BREYTENBACH, 1989). Entretanto, o evento da morte de Cristo na cruz como evento que sinaliza, sedimenta e libera toda esta dedicação e abertura divina, também designada como expiação⁷, já foi entendido em diversas formas⁸.

Distinguem-se em sequência cronológica:

- 1) A expiação como conquista de méritos:
 - a) Por Cristo diante de Deus (Irineu de Lyon / 130-202 d.C.);
 - b) Direitos do bem-estar e da prosperidade reclamáveis (Oral Roberts e Benny Hinn, etc.).
- 2) A expiação como resgate:
 - a) Modelo do pagamento de um resgate para o diabo (Orígenes / 185-243 d.C.);
 - b) Modelo do *Christus Victor* como resgate dos tiranos do mundo (Gustaf E. H. Aulen⁹ (2003).
- 3) A expiação com ato jurídico:

⁷ Na consulta em dicionários teológicos contemporâneos, o termo “expiação” parece estar fora da moda. Fernando Bortolotto Filho (2008) não contém o verbete “expiação”, mas “salvação”, em que o tema é mencionado em relação ao tema da “maldição da cruz”. O silêncio se estende às obras católicas, ecumênicas e pentecostais. Cf. Angelika Berejung; Christian Frevel (2011); Nicholas Lossky; José Míguez-Bonino; John Pobee (2005); Isael de Araujo (2007).

⁸ JENNINGS, JR. Theodore W. (2009. p. 217), lembra a tipologia proposta por Gustaf Aulen e apresenta uma lista um pouco mais concentrada: “The Greco-Lutheran ransom theory, the Western view associated with Anselm and Calvin of substitutionary satisfaction, and the Abelardian and liberal perspective termed ‘moral influence’”.

⁹ Dados de vida: 1879-1977.

- a) O apagar da ira de Deus pelo sacrifício humano (Anselmo de Cantuária / 1093-1109);
 - b) A morte de um substituto apaga os pecados do substituído (Calvino / 1515-1565 d.C.);
 - c) Junto a este grupo ainda Hugo Grotius (1583-1645), especialista em negociação de contratos de paz internacionais, que afirmou que Cristo não morreu em lugar do ser humano, mas a seu favor.
- 4) A expiação como declaração performativa do amor e da amizade divina:
- a) A teoria da influência moral (Abelardo / 1079-1142 d.C.);
 - b) A teoria da declaração do amor (Albrecht Ritschl¹⁰ (1870/74);
 - c) A compreensão da superação da inimizade pela amizade¹¹.
- 5) A expiação como martírio¹²:
- a) Teologia da Libertação;
 - b) Acidente da história (Albert Schweitzer).

Para nós é agora importante localizar nossa tradição. Falamos brevemente sobre John Wesley, a partir do estudo contemporâneo que inicia com a obra de John Deschner em 1961 com reflexos em autores contemporâneos e muito lido na América Latina como Kenneth J. Collins¹³.

Deschner identificou três tendências em Wesley: a promoção da teoria da satisfação da ira de Deus, a promoção da teoria da substituição penal e uma versão anterior à teoria do *Christus Victor* (cf. DESCHNER, 1988. p. 68 e 116). Kenneth J. Collins segue Deschner parcialmente e

¹⁰ Dados de vida: 1822-1889.

¹¹ Cf. Salvati (2003. p. 284). Ele destaca “A dignidade incomensurável daquele que se ofereceu e o amor ilimitado que o sustentou conferem um valor absoluto e definitivo à expiação de Cristo”.

¹² Por exemplo na teologia católica. Em Adrian Schenker (2004. p. 709-712) lemos: “A mediação de Cristo Jesus para reconciliar os homens com Deus funda-se em sua morte como martírio, não sobre a expiação”; Assim também G. M. Salvati “Expiação”. In: p. 284-285: Ele destaca “a paixão e morte de Jesus como sacrifício de expiação que obtém a salvação do mundo” (p. 284). A igreja antiga [...] evoca em inúmeras ocasiões o sacrifício dos mártires como oferta que *expia* os pecados da humanidade”.

¹³ Livros recentes sobre a doutrina Metodista não comentam a teologia cruz ou supostas preferências na escolha da teoria da expiação. Cf. Ted A. Campbell (1999); Dennis M. Campbell; William B. Lawrence; Russel Richey (1999); Clive Marsh; Brian Beck; SHIER-JONES, Angela Shier-Jones (2004).

afirma que Wesley teria interpretado a morte de Jesus como uma morte sacrificial nos termos de Anselmo¹⁴ e como substituição penal nos termos de Calvino¹⁵. Ele vai mais longe e afirma que isso seria o consenso da pesquisa wesleyana contemporânea em geral, além de identificar traços da posição de Orígenes (COLLINS, 2007, p. 100 e 102). Em oposição a Dunning, que insiste que o Novo Testamento não conhece uma teologia da punição de Jesus, mas do sofrimento de Jesus, Collins afirma: “Nós, porém, vamos argumentar que a promulgação da interpretação da teoria da substituição penal por Wesley não seja somente apropriada, mas, de fato indicial para sua teologia em geral” (COLLINS, 2007, p. 103). O que eu gostaria de dizer com este pequeno parágrafo é que, a partir de Deschner, sedimentou-se na pesquisa norte-americana do pós-guerra, até contemporânea, uma ênfase da interpretação da cruz que segue modelos clássicos católicos ou calvinistas.

As nossas considerações

Segunda a nossa percepção existe uma tensão em Wesley que transparece, por um lado, tanto na sua manutenção do 2º Artigo da religião como na sua famosa frase de convite para se integrar nas sociedades metodistas: “Você deseja fugir da ira vindoura?!”¹⁶ Por outro lado, há em Wesley uma teologia de amizade e inimizade que representa um discurso surpreendentemente alternativo. Segundo a nossa impressão, esse aspecto é amplamente ignorado pelos pesquisadores acima citados.

¹⁴ “Indeed, from the vantage point of the New Testament authors, the sacrificial death of Christ is so crucial that much of the material of the Gospels is taken up with the last twenty-four hours of Jesus’ life” (COLLINS, 2007, p. 99). “It should be evident by now that Wesley’s thought in this context, as he cites the Anglican material, is reminiscent of that of Anselm in his [...] classic *Cur Deus Homo*” (COLLINS, 2007, p. 101).

¹⁵ Essa posição assume a Igreja do Nazareno no Brasil: “O que Jesus Cristo fez em obediência aos preceitos da lei, e o que ele sofreu em satisfação à penalidade dela, constituem a base do nosso perdão e da nossa justificação, perante de Deus” (BINNEY, [s.a.], p. 104).

¹⁶ “*Do you desire to flee from the wrath to come?*”, Wesley sabia que o tema da ira de Deus existia nas cartas de Paulo (ira de Deus: Rm 1,18; 2.5,8; 4,15; 5,9; 9,22; 12,19). Mas, segundo Romanos 1,18, a ira de Deus é uma reação à atitude hostil do ser humano – “que detêm a verdade em injustiça” – e que em relação a Deus e descrita como “impiedade” (*àsébeia*), ou, literalmente, práticas devocionais (*sebeia*) contraditórios ou inadequadas. Nos diríamos: práticas que seguem a lógica sacrificial.

Iniciamos com o tratado programático de 1739, o *Caráter de um metodista*:

Sempre que pode, ele “faz o bem a todos os homens”; seu próximo, e estranhos; amigos e inimigos: e de toda a forma possível; não apenas aos seus corpos, “alimentando o faminto, vestindo o nu, visitando aqueles que estão doentes ou na prisão”; mas, muito mais, ele trabalha para o bem da alma deles, com a capacitação que Deus lhe deu, para acordar aqueles que dormem na morte; trazer os que estão acordados para o sangue reparador [...] (WESLEY, 1739, § 16).

Bem no início do movimento metodista, que iniciou em 1738, a ênfase no amor para com toda humanidade, inclusive os inimigos, é articulada como uma característica dos/as integrantes do movimento. Não temos dúvidas que esse forte acento ético tem como sua raiz o saber de ser reconciliado com Deus. O Deus amigo desconstrói os fundamentos e as razões das inimizades humanas. Nas *Notas sobre o Novo Testamento* (1756), uma obra fortemente baseada numa obra do pietismo luterano, o *Gnomon* de Albrecht Bengel, ([1747]; 1830), podemos identificar um distanciamento de Anselmo. Enquanto Bengel, em Romanos 5,11 (1873, p. 66), se refere à reconciliação como “libertação *da ira*”, Wesley omite a expressão “ira” e focaliza na obra salvífica de Jesus Cristo: “Cristo por meio dele recebemos a reconciliação”. Na sua nota de 2 Coríntios 5,18, Wesley contradiz o 2º Artigo da Religião: “É o mundo que esteve em inimizade para com Deus”. Da mesma forma Wesley prossegue em Efésios 2,16: “a inimizade — que tinha sido entre os pecadores e Deus”, enquanto Bengel tendencialmente preserva e prescreve Anselmo. Finalmente, retomamos para a frase “fugir da ira de Deus”. Nos 151 sermões que Wesley mesmo publicou, “Amor de Deus” ganha contra “ira de Deus” numa relação, aproximadamente, de nove a um. Além disso, percebemos que a relativa ênfase na ira Deus diminui a partir do sermão 34. Para simplificar: depois de 1746, data da edição dos primeiros 53 sermões, o tema da ira de Deus quase desaparece, enquanto o tema do amor de Deus se mantém. Mesmo que seja esta aproximação meramente quantitativa, o resultado sustenta as afirmações qualitativas e pontuais em seguida introduzidas.

Tudo isso é ainda mais significativo quando entendemos que o tema da hostilidade sofrida é decorrente nas obras de Wesley. O tema não aparece por acaso no tratado *O caráter de um metodista*. Frequentemente, Wesley tinha tematizado nas suas obras a consequência mais extrema da perseguição, o martírio. Wesley ocupou a maioria dos três primeiros volumes da *Biblioteca Cristã* (1749 a 1752) com sete livros com histórias de martírios. Não por acaso, se misturam os dois temas numa memória do seu diário: “Chegamos em St. Ives ao redor das duas de madrugada. Às cinco horas eu preguei sobre ‘Ame seus inimigos’ e, em Gwennap, à noite, sobre ‘Todos os que praticam a vontade de Deus em Cristo Jesus sofrerão perseguições’ (WESLEY, Diário, 1745).

Finalizando o nosso argumento, encontramos a ênfase também nas suas orações de cada dia, obra lançada em 1735 e depois reeditada diversas vezes. Citamos da versão de 1742:

Envia o teu abençoado espírito para o coração dessa nação pecaminosa e faça-nos um povo santo: desperta o coração do nosso soberano, da família real, do clero, da nobreza [...] para que eles sejam felizes instrumentos em tuas mãos, promotores das tuas boas obras; sê generoso para com as universidades, com a nobreza rural e a gente comum destas terras [...] conceda que as suas dificuldades na fé lhes proporcionem paciência [...]. Muda os corações de meus inimigos e dá-me a graça de perdoá-los, assim como tu nos perdoas pela obra de Cristo (WESLEY, 1742, p. 8).

Concluimos essa primeira parte tendo a impressão que Wesley, a partir da práxis da condução de um movimento e das experiências feitas neste caminho, deixou um legado que traduz o tema soteriológico da superação da inimizade humana pela amizade humana para o campo da ética. A rejeição sofrida nas primeiras décadas do movimento, especialmente entre 1738 e 1760, não apagou o que se tornou regra geral do movimento: deixar o mal, fazer o bem. Sem distinção. Que isso não se traduzia na sua teologia da expiação, por exemplo, pela apropriação da teologia da expiação do arminiano Hugo Grotius ou Hugo Grócio (1583-1645) se deve à sua fidelidade à tradição anglicana. Isso, porém, ia mudar no século 19.

Os séculos 19 e 20 e o anúncio da reconciliação como contestação da hostilidade humana: “amigos/as de todos/as, inimigos/as de ninguém” nos metodismo anglo-saxão

No século XIX desenvolveu-se pela primeira vez uma teologia metodista própria e, em termos teológico-sistemáticos, clássica. O documento que foi privilegiado nessa seção é, novamente, o 2º Artigo da religião, só que essa vez ele vem com uma modificação significativa.

O documento: O tema da reconciliação no 2º Artigo dos 25 Artigos da Religião Metodistas em sua tradução desde 1886 para o português brasileiro

(2) Do Verbo ou Filho de Deus que se fez verdadeiro homem

O Filho, que é o Verbo do Pai, verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai, tomou a natureza humana no ventre da bendita virgem, de maneira que duas naturezas inteiras e perfeitas, a saber, a divindade e a humanidade, se uniram em uma só pessoa para jamais se separar, a qual pessoa é Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, que realmente sofreu, foi crucificado, morto e sepultado, para nos reconciliar com seu Pai e para ser um sacrifício não somente pelo pecado original, mas também pelos pecados atuais dos homens.

A parte que nos interessa encontra-se na segunda parte: “Cristo [...] realmente sofreu, foi crucificado, morto e sepultado, *para nos reconciliar com seu Pai*”. Nessa edição do artigo, a teologia da ira de Deus foi substituída pela teologia paulina da teologia da ira do ser humano. A tabela mostra que essa mudança foi introduzida na edição brasileira dos Cânones da Igreja Metodista Episcopal, Sul, em 1888, tirada em 1898, e finalmente, reintroduzida em 1910 para se manter desde já.

Tabela 1 – Mudança dos Cânones da Igreja Metodista Episcopal, Sul.

Ano	Igreja	Citação
1783	Methodist Episcopal Church	“... to reconcile his Father to us” [“para reconciliar seu Pai conosco”]
2017	United Methodist Church	“... to reconcile his Father to us” [“para reconciliar seu Pai conosco”]

Ano	Igreja	Citação
1878	Ransom (1878, p. 104), Pastor pioneiro metodista	“para reconciliar conosco seu Pai”
1886	Revista <i>Methodista Catholica</i> (vol. 1, n. 3, p. 4 (1886), redator: Ransom).	“para reconciliar conosco seu Pai”
1888	Igreja Metodista Episcopal, Sul [Cânones em português]	“para reconciliar-nos com seu Pai”
1898	Igreja Metodista Episcopal, Sul [Cânones em português]	“para reconciliar seu Pae conosco”
1910	Igreja Metodista Episcopal, Sul [Cânones em português]	“para nos reconciliar com seu Pae”

Fonte: elaborada pelos autores.

Com isso, temos a chegada da nova teologia paulina da reconciliação ao 2º Artigo da Religião metodista; mas somente nas versões portuguesas e espanholas da Igreja Metodista Episcopal (Sul): nunca nas versões em outras línguas, inclusive na edição inglesa da própria Igreja mãe.

A discussão: O tema da reconciliação entre teólogos metodistas estadunidenses do século 19

Para entender essa significativa diferença, precisamos revisitar a teologia do século XIX. No último terço do século XIX, teólogos europeus como Albrecht Ritschl (1822-1889) voltaram para o centro da mensagem paulina. Já em *Origem da Igreja Vêtero-Católica*, o Ritschl (1857) relacionava a amizade divina com a justiça divina: “A *dikaiosis* realizada por Cristo é [...] entendida como transformação de inimizade em amizade [*katallaghe*, Rm 5,10; 2Co 5,20]”. Em outra obra referente a doutrina da redenção, ele aprofundou o tema quando ele criou um vínculo com a teologia da graça:

A justiça de Deus é [...] na sua essência é idêntica à sua graça [...]. Não é bíblico supor que qualquer um dos sacrifícios do Antigo Testamento, fundamento da analogia segundo a morte de Cristo deveria ser julgado, teria tido o significado de mover Deus da ira para a graça [...]. Não é bíblico supor que a oferta de sacrifício em si inclui um ato penal, executado não sobre o culpado, mas em cima da vítima, que toma seu lugar. A representação por sacerdote e sacramento não tem como objetivo qualquer sentido exclusivo, mas inclusivo (RITSCHL, 1900, p. 473-475).

Finalmente, foi também Ritschl quem nas suas aulas sobre a ética vinculou o amor ao inimigo com a hospitalidade, ou a *filoxenia* como amor ao estrangeiro. “O dever da hospitalidade (1Pe 4,12; Hb 13,12) fundamenta [...] a comunhão que leva ao amor fraternal para com todos [...] [A] “amizade [...] carrega [...] em si o elemento do reino de Deus, mesmo que isso não seja reconhecido explicitamente por uma reflexão religiosa” (RITSCHL, 2007, p. 102). Enquanto o debate alemão ainda carece ser melhor conhecido no Brasil, isso dificilmente vale para a discussão paralela nos EUA que na Igreja Metodista Episcopal se centrava na ênfase anselminiana do 2º Artigo da Religião, o qual levou, provavelmente, à mudança na versão brasileira. No centro deste debate estava o teólogo John Miley.

Os Artigos de Religião, assim se argumentava nos tratados teológicos de Silas Comfort (1847) e Allen Alexander Jameson (1854), teriam sido criados por Wesley para construir uma identidade teológica “arminiana” para a recém-formada Igreja Episcopal Metodista. Consequentemente, a partir de 1864, a sua visibilidade dos Artigos da Religião entre Metodistas foi significativamente ampliado quando eles apareceram primeiramente nas perguntas usadas para a recepção no membros cheio: “Você acredita na Doutrina das Sagradas Escrituras, conforme estabelecido nos Artigos de Religião da Igreja Episcopal?”. Não demorou muito até que o antigo acento anselmiano se tornasse tema-chave numa nova disputa soteriológica. Numa perspectiva retroativa resumiu Horace M. DuBose (1907, p. 36) o debate:

‘Conciliar seu Pai conosco’. Não houve pouca objeção a esta frase como se descrevesse de forma inadequada a expiação da reconciliação. O objeto não é bem colocado. Deus é o inimigo do pecado, e o pecador está sob sua vigilância. A morte de Cristo transforma a bondade de Deus em algo disponível. [...] Mas argumenta-se que Cristo morreu para nos reconciliar com o Pai. É verdade, mas essa reconciliação, tal como foi observada anteriormente, representa um aspecto menor que está contido num aspecto maior. Nossa reconciliação com Deus é apenas possível porque Ele, muito tempo atrás na eternidade, foi reconciliado conosco.

Ocorreu que, apesar do amplo debate, a Igreja Metodista Episcopal e a Igreja Metodista Episcopal, Sul, se mantiveram fiéis a sua primeira ordem restritiva de nunca modificar seus 25 artigos. DuBose (1907, p. 16), entretanto, argumentou de uma forma “ecumênica”: o segundo Artigo da Religião deve ser mantido por que “A Igreja Metodista afirma de ter um credo ecumênico, sendo seus Artigos de Religião uma rescisão dos Artigos Anglicanos, cuja dependência do Credo de Nicéia, mediada pela Confissão de Augsburg já foi mostrado de forma satisfatório”¹⁷.

Com isso, ignorou-se entre os metodistas nos Estados Unidos um intenso debate. Já Enoch M. Marvin (1870, p. 56-58), um bispo da Igreja Metodista Episcopal (Sul) tinha argumentado que a expiação se explica não pela ira, mas, pelo amor de Deus: “Expiação ... é o amor de Deus para com suas criaturas. ‘Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito’. [...] A mente que recebe o grande fato da redenção nunca pode questionar profundamente a beneficência do Criador”. Mas, foi especialmente John Miley (1813-1895) da Igreja Metodista Episcopal que no seu livro sobre a expiação discutiu os diversos modelos como da influência moral de Abelardo (capítulo 6), da teoria da satisfação de Anselmo e da substituição penal de Calvino (capítulo 7) para seguir, parcialmente Hugo Grotius¹⁸.

No Brasil o eco foi misto. Em 1898, no ano em que a tradução original do 2º Artigo da Religião voltou para os Cânones, foram publicados duas dogmáticas em língua portuguesa: uma de Tilly, editor responsável pelos Cânones, e Joiner (1898). Embora Tilly seja considerado um teólogo mais conservador, nenhum dos dois se referia, em sua dogmática, à ira de Deus. Tilly parece prescrever uma combinação de Calvino e Abelardo, quando afirma, primeiro, que na cruz precisa-se “satisfazer todos os requisitos d`uma lei ultrajada ou de uma justiça quebrada” e, segundo: “Deus [...] deve também possuir o meio de conquistar o coração revoltoso do

¹⁷ O mesmo argumento de que os 25 Artigos da Religião representassem, em primeiro lugar, uma suma da teologia protestante, se encontra também em Henry Wheeler (1908, p.1-9).

¹⁸ Veja também Wilbur F. Tillet (1881, p. 95): “Grotius é mais conhecido pelo seu trabalho de expiação: A Defesa do Católico Fé em relação à satisfação de Cristo. Mas enquanto professam apresentar e defender a Doutrina católica, é um fato bem conhecido que ele realmente originou uma nova teoria da Expiação, inteiramente distinta da teoria da satisfação de Anselmo [...]”.

homem e de transformar seu ódio em amor” (1898, p. 67) e “O Evangelho originou-se em amor infinito. [...] Este amor que Deus manifestou para conosco na cruz vem sobre nós com um impulso irresistível” (1898, p. 86). Joiner cita as obras de Thomas Osmond Summers (1812-1882), John Dick (1764-1833) e especialmente William Burt Pope (1822-1903):

Segundo o Dr. Pope [...] no mysterio da Reconciliação, as provisões da misericórdia eterna antecipam na transgressão, e em todas as manifestações da Redempção, o primeiro lugar é ocupado pelo amor. A paixão é a manifestação e não a causa do amor Divino ao homem’.

Assim não surpreende que Joiner apresenta a seguinte versão do 2º artigo: “*Christo effectivamente soffreu, foi crucificado, morto e sepultado para reconciliar-nos com o Pai*” (1898, p. 270)¹⁹.

As nossas considerações

Durante o século XIX articulou o metodismo anglo-saxão a sua missão na base do lema: “Amigos, de todos, inimigos de ninguém”. Trata-se de um desenvolvimento de frases de John Wesley como

Vocês são um novo fenômeno nessa terra — um corpo de pessoas que, não sendo de nenhum partido, são amigas de todos os grupos e tentam ajudar todos a avançar na religião do coração, no conhecimento do amor para com Deus e para com a humanidade (WESLEY, 1789, p. 82 [sermão 121, §18]).

Não podemos abordar muito mais fontes, mas mencionamos ainda dois usos da metáfora *amigos de todos, inimigos de ninguém*; uma

¹⁹ Parece-nos que Joiner cita Pope mais na base da sua ética. Na sua teologia, escrita 20 anos antes de Joiner, Pope ainda não supera Anselmo em tudo (cf. Pope 1881, v. 1, p. 321, 348, 353). Também na página 348, Pope fala de “[...] uma reconciliação ou harmonização de ira e misericórdia na cruz [...]”. Assim também no seu volume 2, p. 282: “primeiro o juiz supremo é reconciliado plenamente com a raça humana, segundo, se faz a provisão pela reconciliação de cada ser humano com ele”. Já na parte da ética da sua teologia sistemática (v. 3, p. 223) aparece amizade como *terminus technicus*: O “seu serviço é o ministério da amizade e sua amizade é a amizade de servos”.

da Inglaterra (ver figura 1) e uma da Austrália, em ambos casos, criados entre 1870 e 1908. No exemplo mais antigo vemos mulheres em uma ação missionária abaixo de uma placa onde se lê: “Amigos de todos, inimigos de ninguém”.

Figura 1 – Wesleyan Methodists. Grimsby, Inglaterra



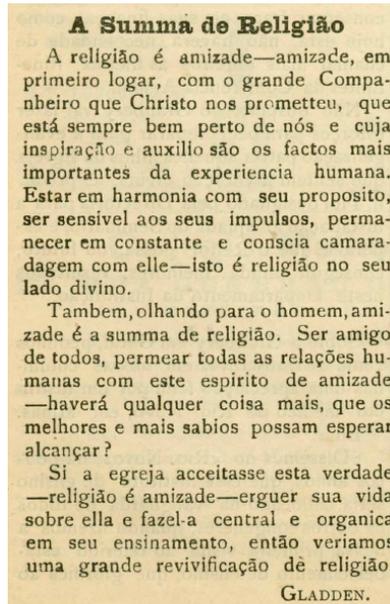
Fonte: Wesleyan Methodists. Grimsby, Riverhead, Lincolnshire, Inglaterra [1870-1880].

E no *The Mildura Cultivator* de 04 de janeiro de 1908 lemos:

VISITA DO PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA. Os Metodistas de Mildura foram visitados esta semana pelo Rev. J.G. When [...]. O Presidente fez um discurso muito interessante sobre ‘Alguns lemas metodistas’ e enfatizou, particularmente, que eles deveriam ser ‘amigos de todos, inimigos de ninguém’ e que Eles teriam ‘nada a fazer além de salvar almas’ (elevando-as social, comercial, intelectual e religiosamente) e que eles deveriam ‘ir para aqueles que precisavam deles, justamente não negligenciando aqueles que mais precisavam deles’.

A citação da Austrália evidencia como, na época, a teologia da amizade já estava alinhada a uma práxis profundamente social. Um uso parecido da teologia da amizade pode ser encontrado no movimento estadunidense do evangelho social com reflexos diretos no Brasil. A citação em seguida, encontrada na revista metodista *Expositor Cristão*, apresenta um texto de Washington Gladden (1909, p. 429), pioneiro do Evangelho Social:

Figura 2 – *A summa da Religião* de Gladden



Fonte: IGME, S. *Expositor Cristão*, 1910.

Expressão máxima da teologia da amizade metodista e braço público da sua soteriologia é seu Credo Social, criado em 1908 pela Igreja Metodista Episcopal e assumido pelo Conselho Nacional das Igrejas Cristãs dos EUA no mesmo ano. O texto articula o compromisso da Igreja Metodista com a causa dos/as trabalhadores/as urbanos/as²⁰. Por falta de

²⁰ Quanto a importância do Evangelho Social no Brasil veja Helmut Renders (2010a, 175-180; 2009, p. 43-65; 2008, p. 410-412) e Nicanor Lopes e Helmut Renders (2010, p. 210-221). O Credo Social entrou em 1921 também no Manual para novos membros como orientação na área da cidadania (cf. BUYERS, 1921, p. 110-112).

espaço, não vamos nos aprofundar neste texto, mas, no próximo capítulo, será introduzido um texto metodista brasileiro que segue a sua tradição.

Os séculos XX e XXI ou a vivência da reconciliação como construção de um outro mundo possível

Com o Credo Social de 1908, a Igreja Metodista marcou o seu compromisso com o século chamado mais tarde “o século social”. Em seguida mostramos como o tema da reconciliação, mais uma vez, foi traduzido para sustentar e qualificar a presença pública da igreja, inclusive além do nível nacional.

O documento: O tema da reconciliação em O Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista de 1982

O Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista (PVMI) era, inicialmente, um plano de ação para o período eclesiástico 1979-982. Mas, diferente do que planos de ações comuns, ele contém também justificativas e fundamentações. Pela sua qualidade, o texto se tornou em 1982 diretriz geral da Igreja Metodista no Brasil e substituiu, de certo modo, seu Credo Social. Dentro do PVMI há um trecho que se refere a reconciliação do mundo e do ser humano em Cristo:

[II-4] Cremos que o Deus único estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, criando uma nova ordem de relações na História [...]

[III-5b] A reconciliação do mundo em Jesus Cristo é a fonte da justiça, da paz e da liberdade entre as nações; todas as estruturas e poderes da sociedade são chamados a participar dessa nova ordem. A Igreja é a comunidade que exemplifica essas relações novas do perdão, da justiça, e da liberdade, recomendando-as aos governos e nações como caminho para uma política responsável de cooperação e paz [...]

[III-5d] A reconciliação do homem em Jesus Cristo torna claro que a pobreza escravizadora em um mundo de abundância é uma grave violação da ordem de Deus (IGREJA METODISTA, 2007, p. 50, 51, 53).

Esse trecho é somente compreensível se for lido na base da compreensão da reconciliação como superação da inimizade humana pela amizade divina. A nova ordem de relações é uma ordem que abandona a lógica da inimizade, da violência e da vingança. Perdão, justiça, liberdade e paz são características de uma comunidade que constrói, pela amizade, cooperações e que procura superar o mal pelo bem. Além disso, a pobreza é identificada como expressão de uma inimizade estrutural que violentamente ataca a vida dos mais vulneráveis²¹.

A discussão mais ampla

Mesmo que as comissões teológicas da Igreja Metodista Unida, segundo English (2005, p. 36) não trataram do tema da expiação entre 1968 e 1984, teólogos metodistas como Walter Wink e Theodore Jennings discutiram de forma ampla o complexo temático “reconciliação — inimizade — amizade — testemunho público da Igreja”²². Enquanto Wink focava nas questões do poder e da superação na inimizade por estratégias não violentas, revisitou Jennings a clássica doutrina da expiação. Ambos teólogos, porém, não passaram por Wesley para discutir a teoria da expiação ou da reconciliação em busca de um paradigma transformador.

Wink era treinado como exegeta, mas trabalhou também como teólogo sistemático e agente de reforma social especialmente em resposta ao sistema do Apartheid, em busca de possíveis caminhos da sua superação. Enquanto ele nas suas últimas obras se refere diretamente ao tema da reconciliação (WINK, 1997 e 1998), tratam outras especialmente da superação da inimizade pela amizade como terceiro caminho de Jesus, caminho que vai além das alternativas entre ou a fuga ou a reação violenta (WINK, 1987 e 2003). Wink propagava a resistência não violenta como

²¹ Aqui transparece o conceito do pecado estrutural de Albrecht Ritschl que depois foi usado e propagado pelo teólogo do evangelho social, Walter Rauschenbusch.

²² Veja também a obra *Exclusion and Embrace: a theological exploration of identity, otherness and reconciliation* de Miroslav Volf de 1996. Volf não é metodista, mas a sua obra foi publicada primeiramente pela editora metodista Abingdon Press. Volf explora o tema da superação da inimizade humana pela amizade divina e suas raízes na teologia da cruz diante da guerra da Jugoslávia.

modo de desafiar inimizades de qualquer natureza, mas, especialmente, de sua forma racista.

Em seu estudo contemporâneo, Jennings, treinado como exegeta do Novo Testamento, procura desenvolver uma teologia da cruz não cúmplice do antijudiasmo e capaz de responder questionamentos da teologia feminista ou feminina. Ele levanta a seguinte pergunta: “Deus deseja ou quer intencionalmente a morte do filho?” (JENNINGS, 2009, p. 13). Ao longo do texto irá afirmar que eu chamo em meu texto a necessidade da superação do paradigma mérito-sacrificial:

Não é por acaso que, enquanto esta morte é vista como segundo a vontade de Deus, que estruturas promotoras-da-morte legitimam-se pela referência a esse Deus. Um Deus que deseja a morte de seu “Filho” não pode salvar-nos. Seria um Deus que mata o que ama, a fim de salvar a si mesmo, a sua “justiça”, a sua glória, a sua reputação (JENNINGS, 2009, p. 215).

Segundo Jennings “[...] ainda existem muitos protestantes, quase certamente a maioria, que supõem que algo como a visão de satisfação substitutiva da expiação é a ortodoxa ou visão tradicional e que qualquer desvio que indica concessões inaceitáveis para a incredulidade” (JENNINGS, 2009, p. 218)²³.

Nossas considerações

A discussão brasileira se evidencia em primeiro lugar pelos documentos eclesiais como o PVMI. Não existem monografias específicas. De qualquer forma, a discussão ocorreu paralelamente às contribuições estadunidenses. Provavelmente chegou-se em conclusões, argumentações e ações parecidas por enfrentar situações análogas. Entretanto, a partir da década noventa do século passado ocorreu um desencantamento eclesial com o aspecto público e social dessa grande tradição metodista. Voltava-se novamente ao ser humano com foco no

²³ “[...] *there are still many Protestants, almost certainly the majority, who suppose that something like the substitutionary satisfaction view of atonement is the orthodox or traditional view, any deviation from which indicates unacceptable concessions to unbelief*” (MADDOX, R. 1994. p. 109). Note-se que Maddox pensa de forma parecida, mas formula com mais cautela.

indivíduo e no seu interior. Propôs-se contribuir para o novo ser humano sem o horizonte do novo mundo. Ganharam novamente destaque modelos soteriológicos que seguem lógicas sacrificais e meritocráticas, especialmente, nos movimentos neopentecostais. O assunto se tornou tema de pesquisas metodistas recentes (AYRES, 2013).

No lugar de considerações finais: horizontes da reconciliação, inimizade e amizade

O atual retorno das lógicas teológicas sacrificais e meritocráticas requer toda atenção, como também a atual demanda a favor de uma existência sustentável. O Credo Social Metodista de 1970 precisa ser atualizado na direção da amizade para com a criação (RENDERS, 2010, 175-180), o antropocentrismo moderno precisa ser substituído por uma visão do ser humano como parte da nova criação. Também está na agenda da teologia da amizade a exploração do conceito da convivência (SINNER, 2007), como modelo brasileiro de estar no mundo, e da hospitalidade, como modelo de receber o mundo na igreja.

O conceito de convivência descreveu, originalmente, uma nova abordagem do encontro entre a Igreja e as populações indígenas brasileiras. O missiólogo alemão Theo Sundermeier apresentou-o ao debate europeu sobre a existência ecumênica (SUNDERMEIER, 1986a, p. 49-100), a pluriculturalidade europeia (SUNDER-MEIER, 2012), as relações norte-sul (SUNDERMEIER, 1986b, 14-16) e como parte de uma xenologia (SUNDERMEIER, 1992) e uma hermenêutica (SUNDERMEIER, 1996) do encontro. Com isso, Sundermeier quis superar as falhas do conceito de existência cristã de Dietrich Bonhoeffer como mera pró-existência (SUNDERMEIER, 1986c, p. 14), que ele considerava demasiadamente unilateral e não suficientemente cooperativo e dialogal.

No metodismo brasileiro, convivência como proposta de encontro entre os diferentes, se tornou essencial no trabalho dos indigenistas a partir de 1980. Infelizmente, porém, encerrou essa abordagem e certamente não foi levada à discussão da vida e atuação em um estado moderno e laico (como por Sundermeier). Isso é lamentável porque o modelo da convivência se sobressai em comparação com muitos outros. Primeiro,

não pronuncia uma autonegação unilateral ou um tipo de autosacrifício como, por exemplo, o modelo estadunidense do “*melting pot*”²⁴; segundo, não promove a exclusão violenta como o modelo sul-africano de Apartheid; terceiro, não ignora o potencial perigo da proposta europeia do multicultural²⁵ o que seria se tornar um projeto de “guetização” (usando aqui um neologismo). Diferente, o modelo da convivência é sensível não só a questões de identidade étnica e cultural, mas também ao desafio de criar sociedades abertas baseadas no consenso e no compromisso de investir no bem comum. Acreditamos, porém, que a discussão ao redor da proposta da convivência ganharia em profundidade se os aspectos soteriológicos fossem mais elaboradas no sentido da exposição desse artigo. Sociedades pluriétnicas, pluriculturais e plurirreligiosas necessitam de movimentos laicos e religiosos que traduzem todas as dimensões de *sanus* e *salus*, da vida e da salvação como superação das inimizades, animosidades, desentendimentos etc. por atos e gestos de amizade²⁶. Isso poderia ser uma contribuição metodista na tradição da sua teologia da amizade que em contrapartida ganharia com o modelo da convivência uma nova forma de articular a sua existência no mundo²⁷.

Outro conceito não explorado na ênfase soteriológica metodista e sua teologia da reconciliação e da amizade é o da hospitalidade como *filoxenia*, o amor fraternal lado ao lado ao estrangeiro. Por enquanto, nada corresponde ao trabalho já feito no ambiente ecumênico (Cf. MATHEWS, 1964; KOENIG, 1985; BUCK e POHL, 2001; POHL, 2002; HOMAN e PRATT, 2005; SUTHERLAND, 2006; YOUNG, 2008; RUSSEL, 2009; HOHN, 2010; WROBLESKI, 2012; OZANKOM, 2016). Atualmente, assim me parece, esse conceito é também desdobrado nos EUA como modelo de igrejas locais, cidades e campi universitários como santuários que protegem o estrangeiro e o migrante, especialmente. A *filoxenia* corresponde ao modelo da convivência como expressão e prática interna da

²⁴ Literalmente, “vaso para fundir metais”. A ideia é de uma forte adaptação acompanhado por perda de identidade.

²⁵ “*Multiculti*”, a cidade como colorida representação da diversidade era o modelo em muitas cidades alemãs na década 80 do século passado.

²⁶ Amizade sempre tem um horizonte político e público, por não se restringir a laços familiares.

²⁷ Talvez como nova leitura da expressão de John Wesley “O mundo é a minha paróquia”.

igreja, o convite ao mundo plural, estranha e potencialmente perigosa de assumir seu lugar ao redor da mesa²⁸. Seria muito interessante investigar os programas de discipulado, atualmente tão importantes na Igreja Metodista, para ver até que ponto e em que sentido eles incorporam princípios da hospitalidade como *filoxenia*, sempre não esquecendo que nós entendemos aqui a *filoxenia* nos moldes soteriológicos da superação da inimizade pela amizade sincera, pela solidariedade perseverante, pelo respeito incondicional, enfim, pela atitude de carregar a sua própria cruz no encontro com o[a] outro[a].

Quinhentos anos depois da Reforma, a Igreja continua sendo Igreja *semper reformanda*, tanto como igrejas particulares, quanto Igreja cristã em seu todo. A exploração da teologia da reconciliação como superação da inimizade humana pela amizade divina e pela amizade humana pode ajudar a testar alternativas e indicar caminhos. Assim, terminamos com uma citação de um texto criado pelos homens e pelas mulheres que eram os[as] arquitetos[as] da autonomia da Igreja Metodista em 1930, um texto que nos convida a assumir o nosso papel na tradução proativa do “ministério da reconciliação” em passos concretos:

Não podemos deixar de manifestar a consciência cristã perante os problemas sociais, econômicos e industriais. O misticismo isolado da sociedade, indiferente aos sofrimentos humanos, não serve para o mundo moderno. [...] Combatemos a tentação de fugir da vida, com seus problemas e lutas para nos enclausurarmos na religião pessoal. [...] É tempo de se estreitarem ainda mais os laços fraternais, de modo que as Igrejas, estimuladas pela grandeza de uma só tarefa superior e gloriosa, possam, unidos os corações e dadas as mãos, cooperar entusiasticamente em prol do bem espiritual e temporal dos brasileiros e brasileiras (IGREJA METODISTA DO BRASIL, 1934, p. 32).

Igreja Cristã... sempre em necessidade de reforma...

²⁸ A tradicional compreensão metodista da Mesa do Senhor como aberta, independente da pertença eclesial, até de ser batizado ou não ou de já confessar a fé cristã ou não parte de ideias parecidas, como mostra também a referência à “hospitalidade eucarística” do teólogo metodista José Carlos de Souza (1988, p. 71-78) em seu artigo sobre a Mesa do Senhor.

Referências

- ARAUJO, I. de. *Dicionário de movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- AULEN, G. *A fé cristã*. São Paulo: ASTE, 2002.
- AULEN, G. *Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of the atonement* London: S.P.C.K, 2003 [1931].
- BEREJUNG, A.; FREVEL, C. (Orgs.). *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- BINNEY, A. R. *Compêndio de teologia: contendo uma sinopse das evidências, doutrinas, moral, e instituições do cristianismo*. Campinas: Editora Nazarena, [s.a.].
- BREYTENBACH, C. *Versöhnung: Eine Studie zur paulinischen Soteriologie*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1989. xv + 260p. (Coletânea WMANT60).
- BUCK, P. J.; POHL, C. *Making Room: Recovering Hospitality as a Christian Tradition*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2001.
- BUYERS, P. E. *Manual para os membros da Igreja Methodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, p. 110-112, 1921.
- CAMPBELL, T. A. *Methodist Doctrine: the essentials*. Nashville: Abingdon Press: 1999.
- COLLINS, K. J. *The theology of John Wesley: Holy love and the shape of grace*. Nashville: Aingdon Press, 2007.
- COMFORT, S. C. *An Exposition of the Articles of the Methodist Episcopal Church*. New York: Pubicado pelo autor, 1847.
- DESCHNER, J. *Wesley's Christology: an interpretation*. With a new forward by the author. Grand Rapids, Michigan: Zondervasn Publishing House, 1988.
- DUBOSE, H. M. *The Symbol of Methodism*. Nashville: Publishing House of the M. E. Church, South, 1907.

ENGLISH, J. C. "Atonement". In: YRIGOYEN, C.; WARRICK, S. E. *Historical Dictionary of Methodism* 2nd ed. Lanham, MD: The Scarecrow Press, 2005.

GLADDEN, W. *Recollections*. New York: Houghton Mifflin & Co, 1909.

HOHN, L. Z. *Bausteine zu einer Theologie der gastfreundlichen Kirche*. Theologische Grundlagen und Denkanstösse, Modelle für Generationenwelten, Walkringen 2010.

HOMAN, D.; PRATT, L. C. *Radical Hospitality: Benedict's Way of Love: Benedict's Way of Love*, 2nd Edition. Paraclete Press, 2005.

IGREJA METODISTA DO BRASIL. Atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o mundo e a nação. In: IGREJA METODISTA DO BRASIL. *Atas do 2º Concílio Geral*. Porto Alegre, 4 a 19 de janeiro de 1934. São Paulo: Imprensa Metodista, 1934. p. 95-97.

JENNINGS, JR, T. W. *Transforming atonement: a political theology of the cross*. Minneapolis: Fortress, 2009.

JIMESON, A. A. *Notes on the Twenty-Five Articles of Religion, as Received and Taught by Methodists in the United States: In which the Doctrines are Carefully Considered, and Supported by the Testimony of the Holy Scriptures*. Cincinnati: Applegate & Co., 1854.

KOENIG, J. *New Testament Hospitality: Partnership with Strangers as Promise and Mission*, Philadelphia: Fortress Press, 1985.

LOPES, N.; RENDERS, H. "Manifesto dos Ministros Batistas Do Brasil, 1963: o evangelho social num documento direcionado às Igrejas da Convenção Batista Brasileira": *Caminhando*, v. 15, n. 2, p. 210-221, jul./dez. 2010.

LOSSKY, N.; MÍGUEZ-BONINO, J.; POBEE, J. S. et al. *Dicionário do movimento ecumênico*. Trad. Jaime Clasen. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MARSH, C.; BECK, B.; SHIER-JONES, A.; et al. *Unmasking Methodist Theology*. New York / London: Continuum, 2004.

MARVIN, E. M. *The Work of Christ: or, The Atonement Considered in its Influence upon the Intelligent Universe* Saint Louis: Southwestern Book and Publishing Co., 1870.

MATHEWS, B. *Hospitality and the New Testament Church: An Historical and Exegetical Study*. ThD diss., Princeton Theological Seminary, 1964.

MILEY, J. *The Atonement in Christ*. New York: Philipp and Hunt, 1879.

OZANKOM. *Claude Theologie der Gastfreundschaft als Zeichen der Zeit*. Ringvorlesung, Universität Bonn, 2016.

POHL, C. Hospitality, a practice and a way of life, 2002. Disponível em: <http://www.wichurches.org/sitecontent/pdf_files/programs/hospitality.pdf>. Acesso em: 22nov. 2016.

RENDERS, H. “Cativando a linguagem religiosa de poder: uma homenagem à vida e obra do biblista, teólogo e ativista social Walter Wink [Resenha]”. *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo, SP, vol. 27, n. 44, p. 266-271, jan./jun. 2013.

RENDERS, H. “Inimigos do mundo” e “‘amigos’ da humanidade”: reconciliação, inimizade e amizade na teologia wesleyana como elementos para uma teologia pública. In: *Caminhando*, vol. 15, n. 2, p. 94-117, jul./ dez. 2010.

RENDERS, H. “Um Credo Social para o século XXI: a mais recente versão do Credo Social estadunidense como inspiração para a atualização do Credo Social brasileiro”. *Caminhando*, vol. 15, n. 1, 175-180, jan./ jun. 2010.

RITSCHL, B. A. Vorlesung “Theologische Ethik” Auf Grund des eigenhändigen Manuskripts herausgegeben von Rolf Schäfer. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

RITSCHL, B. A. *The Christian Doctrine of Justification and Reconciliation*. Edinburgh: T & T Clark, 1900.

RITSCHL, B. A. *Die christliche Lehre von der Rechtfertigung und Versöhnung: Die Geschichte der Lehre* (vol. 1). Bonn: Editora Marcus, 1870a.

RITSCHL, B. A. *Die christliche Lehre von der Rechtfertigung und Versöhnung: Der biblische Stoff der Lehre* (vol. 2). Bonn: Editora Marcus, 1870b.

RITSCHL, B. A. *De ira Dei*. Bonnae: Adolphum Marcum, 1859.

RUSSEL, L. M. *Just hospitality: God's Welcome in a world of difference*. Louisville: Westminster John Knox, 2009.

SALVATI, G. M. "Expiação". In: *Lexicon: dicionário teológico enciclopédico*. Trad. João Paixão Netto; Alda de Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SCHENKER, A. "Expiação". In: LACOSTE, J-Y. (supervisão). *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Meneses et al. Edições Loyola, 2004. p. 709-712.

SINNER, R. von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SOUZA, J. C. Ceia do Senhor e hospitalidade eucarística: uma perspectiva metodista. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, ano VIII, n. 30, p. 71-78, jan./mar. 1988.

SUNDERMEIER, T. *Den Fremden verstehen: eine praktische Hermeneutik*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

SUNDERMEIER, T. *Den Fremden wahrnehmen: Bausteine für eine Xenologie*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1992.

SUNDERMEIER, T. Konvivenz als Grundstruktur ökumenischer Existenz. *Ökumenische Existenz Heute*, v. 1, p. 49-100, 1986a.

SUNDERMEIER, T. Sich verändern durch Zusammenleben. Konvivenz zwischen Nord und Süd. *Evangelische Kommentare*, v. 89, p. 14-16, 1986b.

SUNDERMEIER, T. Sich verändern durch Zusammenleben. Konvivenz zwischen Nord und Süd. *Evangelische Kommentare*, v. 89, p. 14, 1986c.

SUTHERLAND, A. *I was a stranger: A Christian Theology of Hospitality*. Nashville: Abingdon Press, 2006.

TILLET, W. F. "Hugo Grotius". *Southern Methodist Review*, v. 2, n. 1, p. 95, mar. 1881.

VOLF, M. *Exclusion and embrace: a theological exploration of identity, otherness and reconciliation*. Nashville: Abingdon Press, 1996.

-
- WESLEY, J. *A collection of forms of prayers for every day of the week*. Bristol: [s.e.], 1742.
- WHEELER, H. *History and exposition of the Twenty-Five Articles of Religion of the Methodist Episcopal Church*. New York: Eaton & Mains; Cincinnati: Jennings & Graham, 1908.
- WINK, W. *Healing a nation's wounds: reconciliation on the road to democracy*. Uppsala, Sweden: Life and Peace Institute, 1997.
- WINK, W. *Jesus and Nonviolence: A Third Way*. Minneapolis: Fortress, 2003.
- WINK, W. *Violence and nonviolence in South Africa*. Philadelphia: New Society Publishers, 1987.
- WINK, W. *When the powers fall: reconciliation in the healing of nations*. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- WROBLESKI, J. *The Limits of Hospitality*. Collegeville: Liturgical Press, 2012.
- YOUNG, A. *Hospitality and the others: Pentecost, Christian practices, and the Neighbor*. Mary-knoll: Orbis Books, 2008.

Recebido: 25/01/2017

Received: 01/25/2017

Aprovado: 18/05/2017

Approved: 05/18/2017

